

Notas sobre um estudo de mediações e etnicidades – Coqueiros/RN¹

Stéphanie Campos Paiva Moreira

Programa de Pós-Graduação e Antropologia Social – UFRN

Orientador: Carlos Guilherme do Valle

Introdução

O intuito inicial desse artigo é apresentar nosso campo etnográfico e suas complexidades assim como explicitar os caminhos pelos quais tentaremos pensar as questões centrais que se tornaram aparentes, quais sejam, as questões de mediação política e social. É importante também observar como as questões étnicas permeiam tais relações. Para isso, explicitaremos como poderá ser feito o mapeamento dos particulares étnicos que envolvem políticas públicas. Além disso, será central perceber as relações sociais e religiosas presentes na comunidade de Coqueiros (município de Ceará Mirim, RN) e como os sujeitos sociais se comunicam entre si na gestão de informações e distribuição de benefícios.

Busca-se mais precisamente apontar caminhos teóricos que possam captar o panorama geral das relações entre moradores e agentes externos que têm atuado no contexto de Coqueiros. Quais são as pessoas que representam no cotidiano o interesse das principais instituições como igreja, centro comunitário, escolas e movimento negro; quais são os beneficiados por determinadas políticas ou ações e como poderemos visualizar as dinâmicas e efeitos de poder através das relações sociais? Essas são algumas das questões que se colocam diante do trabalho etnográfico e nos fazem pensá-lo criticamente. Pretendemos entender o que é central para os mediadores locais e como isso irá repercutir na sua forma de atuação diante dos ‘outros’ e dos ‘seus’.

Para alcançarmos esse objetivo lançamos mão de duas categorias centrais: a de mediação e a de etnicidade, que serão explicitadas mais adiante.

Antes de tudo é necessário fazer alusão à forma como surgiu esse trabalho. Foi a partir do estudo de conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais pela UFRN que o interesse na questão das mediações em Coqueiros teve início. O que era, a princípio, um estudo exclusivo sobre a questão quilombola e seus aspectos políticos e jurídicos mais amplos trouxe a necessidade de entender as atividades presentes no lugar a partir das articulações que se configuravam localmente.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Fato esclarecedor foi o de estudar uma comunidade que era apontada especificamente pela historiografia “clássica” do Rio Grande do Norte como um dos poucos ‘enclaves étnicos’, negros, na região do Vale do Ceará Mirim (Cascudo: 1955). Assim, é interessante conhecer, da mesma maneira, como se estabeleceu os meus primeiros contatos com as pessoas da comunidade em questão.

Ao participar enquanto pesquisadora do “Projeto Quilombolas do RN, Participação e Controle Social das Políticas Públicas”² e já tendo conhecimento teórico sobre uma comunidade negra rural chamada Coqueiros, deparei-me, no grupo de trabalho relacionado à regularização fundiária de terras de quilombo³, com uma moradora de Coqueiros que estava “representando a comunidade”. A partir do contato com essa moradora, conheci outras quatro pessoas que também participaram e foram os canais de entrada na comunidade.

A observação da questão quilombola colocou em pauta então a necessidade de pensar as relações de mediação locais, visto que havia a participação de alguns moradores em projetos e eventos organizados pela militância negra. Dentro da comunidade, porém, a questão étnica não se colocava como um debate que envolvesse a maioria dos moradores. Por isso, neste artigo se fala especificamente de questões de mediação: Quais os principais fatores que incidem na relação entre os mediadores principais e a questão étnica subjacente? Essa é nossa questão central e aqui tentaremos sinalizar algumas formas de análise cabíveis a tal contexto social.

* * *

Na segunda parte desse artigo visamos a uma apresentação das categorias teóricas centrais que precisam de claro entendimento para que a análise da rede de mediação em Coqueiros possa ser realizada. Para que o leitor possa entender nossas inquietações, introduzimos um pouco do contexto de campo etnográfico.

Como já foi apresentado, mas agora com mais refinamento, a comunidade de Coqueiros, dita ‘quilombola’, está sendo foco dessa observação⁴. Localiza-se no município de Ceará Mirim, litoral norte do estado do Rio Grande do Norte exatamente em uma região de transição entre uma paisagem canavieira em direção a um litoral notadamente marcado pela presença de proprietários e veranistas. A comunidade se

² Consistiu em um ‘treinamento’ para comunidades quilombolas organizado pela Secretaria de Justiça CODEM/RN, a ONG Kilombo/RN, FEUC e a COERQ em convênio com a SEPPIR entre os dias 12 e 14 de março de 2007 na cidade do Natal.

³ Esse grupo de trabalho foi coordenado por um agente do INCRA e ocorreu nos dias 13 e 14/03.

⁴ Para maiores descrições ver MOREIRA, 2007. “Ações pastorais e mediação. Questões de terra e transformações recentes em Coqueiros - RN.”

divide espacialmente em rua de Baixo, a própria estrada que liga Ceará Mirim a Natal, e rua de Cima ou do Morro, onde foi construída a maior parte das casas. Na verdade se constitui em uma profusão de ruas entrecortadas, sem asfalto, na sua maioria, onde as casas se avizinham. Com uma população de 1312 habitantes distribuídos em 22 quadras de casas (FUNASA, 2000), essa comunidade possui a segunda maior população do município de Ceará Mirim.

Coqueiros constitui-se espacialmente como um conjunto de faixas de terra distribuídas uniformemente entre as famílias. Elas se perpetuam através da posse por herança, o que mantém o uso compartilhado de matas e rios conjugados com espaços de apropriação privada por núcleos familiares. Sua história, sempre ligada ao trabalho na terra, também aponta para fronteiras étnicas com comunidades vizinhas e conflitos decorrentes dessa fronteira além de uma alusão à ancestralidade escrava. Esses elementos são apontados como diferenciais dentro da região observada para o que tange a uma apropriação do termo ‘quilombo’ que vem definir os membros de Coqueiros para determinados fins legais.

É fundamental a importância da terra na história local visto que se trata de uma comunidade que até poucos anos sobreviveu prioritariamente da renda agrícola organizada entre pequenas produções para consumo familiar e venda da força de trabalho no sertão, mas principalmente, na lavoura da cana.

Atentemos nessa descrição para algumas das principais instituições que se fazem presentes dentro da comunidade, a Igreja Católica, o Centro Comunitário, duas escolas e algumas outras instituições que atuam no campo da saúde através do trabalho de agentes de saúde e do médico do PSF⁵. De todas elas, destaco a ação social e pastoral da Igreja Católica que mantém no lugar atuação muito forte e bem organizada. É fruto de anos de ações missionárias de cunho evangelizador e social coordenadas por missionários da Paróquia de Santa Terezinha⁶.

A Paróquia de Santa Terezinha construiu alianças com instituições de ensino como a UNP (Universidade Potiguar) assim como com outras de fomento à formação técnica profissional, dentre elas o SESI/SENAI, SENAC, Casa da Indústria e SEBRAE.

⁵ Programa Saúde da Família relacionado ao Governo Federal. Este realiza o atendimento regular dos moradores em suas casas, mantendo com os mesmos uma relação de familiaridade.

⁶ Configura-se como a maior igreja católica da região (em termos arquitetônicos) e há em suas instalações um considerável acervo de livros à disposição da comunidade. Chamamos atenção também para o trabalho de Monsenhor Lucas que, segundo moradores, foi quem coordenou as primeiras etapas do trabalho e que com a realização de eventos como bingos e rifas conseguiu o valor necessário para construir não somente a igreja como também o Centro Comunitário São José.

Em 2001, foram oferecidos 32 cursos profissionalizantes por cerca de 6 meses aos moradores de Coqueiros. Esse fato é de suma importância, pois contribuiu de forma fundamental com a mudança na organização do trabalho local, que antes era prioritariamente agrícola e, então, passou a estar ligado principalmente à prestação de serviços como pedreiros, bombeiros hidráulicos, mecânicos, massagistas, manicuras, cozinheiros e costureiros entre outros.

Pode-se notar, portanto, em um primeiro momento a existência de um fator fundamental na comunidade, a atuação da Igreja Católica, interferindo não apenas na forma de pensar e agir dos moradores, mas incidindo na forma de organização do trabalho e, consequentemente, da vida dessas pessoas. Essa afirmação pode ser feita com base nos discursos recorrentes dos próprios moradores que enfatizam tanto as novas possibilidades de emprego decorrentes dos cursos de capacitação oferecidos quanto a depreciação do trabalho agrícola existente desde longa data na região, principalmente pelos mais jovens⁷.

Em um segundo momento é válido considerar a presença do Centro Comunitário São José que possui uma sede bem estruturada que diverge da realidade das comunidades vizinhas. A expressividade das instituições locais estará estreitamente ligada a determinados sujeitos sociais que mantêm uma relação de mediação⁸ entre essas instituições, a população local em termos gerais e com atores e instituições externos ao grupo.

Além das instituições mantidas na comunidade, há elementos novos e centrais para a discussão, que estão inseridos no contexto há algum tempo. As atividades realizadas em Coqueiros voltaram outros interesses para o lugar. Aqui estão duas questões centrais para entender as novas mediações. É a imagem de uma “comunidade negra rural”; uma comunidade negra com implicações étnicas objetivas. Ao mesmo

⁷ Trabalho assalariado sazonal na lavoura da cana e no ‘sertão’ nas plantações de algodão, em pequenas propriedades próximas ou mesmo para o autoconsumo em terra própria ou arrendada.

⁸ Segundo SILVERMAN a análise do mediador é importante para se pensar as “part-societies” que mantêm contato direto com contextos mais amplos como é o caso de Coqueiros. Tal modelo permitirá a realização de uma análise da relação entre os níveis local e qualquer outro nível político e social mais amplo. Define mediador como “um indivíduo ou um grupo que age como uma ligação entre sistemas locais e nacionais”.

Nesse sentido o trabalho de WOLF (1955) é esclarecedor quando busca a compreensão da sociedade mexicana relacionando comunidades e instituições nacionais através de uma rede abrangente de relações intermediadas por mediadores que possuíam determinados recursos e influência em decorrência de suas posições intermediárias. Observa temporalmente uma “malha de conexões” onde o foco da observação se volta para “como os agrupamentos sociais, atuando em diferentes níveis da sociedade, envolvem uns aos outros”.

tempo havia a presença de um grupo de trabalhadores rurais que estava repentinamente deixando essa condição devido à intervenção anteriormente apresentada.

A atuação da Igreja Católica criou uma visibilidade diferenciada para Coqueiros, o que permitiu que agentes externos conectados a um contexto mais amplo de lutas sociais e efetivação de políticas públicas federais acessassem essa comunidade por meio de fatores específicos. É o caso da intervenção da ONG Kilombo. Tenho interesse de observar esses novos fatores visto que neles está o cerne da entrada de políticas públicas e ações do Movimento Negro na comunidade. Eles mantêm, por serem canais de comunicação entre diferentes níveis da sociedade, uma situação diferenciada diante dos outros moradores, pois representam aqueles que efetivam a ligação entre o local e instâncias mais amplas possuindo contatos e informações que lhes valem certa diferenciação ou status social.

Um olhar histórico...

Em primeiro lugar, é preciso notar que havia uma relação do morador com a terra que norteava o cunho das relações sociais⁹. Os senhores de terra e de engenho eram as pessoas que primeiramente faziam a ligação entre a comunidade, rural e pobre, com instâncias mais amplas, geralmente ligadas à própria estrutura básica local (alimentação, questões de saúde, etc...).

“Em Ceará Mirim, a cana de açúcar tem sustentado a economia e fornecido a base do poder municipal desde as origens da cidade. As pessoas residentes nos antigos povoados não recebiam assistência do poder público, cujas funções iam sendo supridas pela ação dos proprietários de terras do vale” (ARRAIS, 2005).

Devido ao isolamento político e mesmo espacial – pois durante muito tempo não havia boas estradas nem transporte que não fosse a pé ou a cavalo para alguns poucos – as conexões que aqueles mediadores estabeleciam eram de fato importantes para os moradores locais o que dava a esses senhores de terra relativa importância social. No entanto, as famílias tradicionais proprietárias de terra por motivos diversos passam por um declínio econômico e passam a ‘conviver’ com um outro tipo de mediação, a sindicalização de trabalhadores rurais.

⁹ As narrativas apreciadas nos remetem pelo menos à primeira metade do século XX já fazendo alusão à época como uma perpetuação de uma situação social vivenciada por pais e avós, mas que por hora não nos permite inferir datas concretas.

É preciso esclarecer que esse resgate histórico está sendo feito de maneira a apontar alguns elementos sem, no entanto, se aprofundar no esclarecimento detalhado dos processos sociais que se seguiram com intuito de oferecer um panorama geral da realidade social local para efeito deste artigo. Portanto é importante notar que há uma relação temporal e social complexa e duradoura entre os antigos senhores de terra citados e o início da atuação do Sindicato na região. Não naturalizamos aqui essa transição, ao contrário, é sabido que ela envolve questões de conflito fundiário e também conflito entre indivíduos que ora apareciam enquanto clientes, ora se colocaram enquanto questionadores de uma antiga lógica de patronagem.

A atuação do Sindicato em Coqueiros se estende por quase meio século e passou-se a ter uma mediação de cunho mais politizado e institucionalizado, colocando o trabalhador e o mediador dentro da mesma instituição¹⁰.

Com o passar do tempo, e com as mudanças nas formas de mediação local, é preciso notar que vai gradativamente também havendo a ampliação das possibilidades de formação de ligações entre o local e as instâncias de fora de Coqueiros o que de certa maneira vai diminuir a importância de mediadores antigos e estabelecer novas e mais complexas formas de mediação.

Novos dilemas sociais e “novos” mediadores

Passando a tempos mais atuais podemos ver a entrada de um “novo” mediador, e aqui se inicia o interesse de observação atual, a atuação da Igreja Católica a partir de 1990¹¹. Já foi falado de como se deu a entrada da Igreja e aqui gostaria de apresentar apenas alguns dados empíricos importantes. Os agentes da igreja durante muito tempo ocuparam o lugar do poder municipal na providência de algumas ações de melhorias locais específicas. A igreja estabeleceu laços e estimulou lideranças locais que continuaram suas atividades após a saída dos missionários da Paróquia do cotidiano do lugar chamando atenção para o papel fundamental de Dona Carminha, moradora há mais de 20 anos casada com um nativo e também professora. Sua importância está

¹⁰ . É notória inclusive a filiação de uma ampla parcela de moradores de Coqueiros no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Ceará Mirim chamando atenção para Seu João Santo, sindicalizado a três décadas, que faz parte dos quadros do sindicato como segundo tesoureiro e que também faz parte de uma família respeitada no lugar.

¹¹ Não está sendo afirmado que a Igreja Católica não matinha relações anteriores com a comunidade, mas que a intervenção direta com ações sociais e evangelização criou um tipo de relação diferenciada com esses sujeitos, mais próxima e intensa.

também no fato de estar envolvida tanto nas questões da Igreja como da escola, os dois mais eficazes meios de disseminação de informações ‘legítimas’ dentro da comunidade. Chama atenção em suas atividades “sempre que pode”, como a mesma afirma, para a importância de os moradores se pensarem enquanto relacionados a uma origem ‘racial’¹² comum.

Tal visibilidade vai proporcionar a entrada de um mediador mais atual e com o diferencial de relacionar a comunidade com um nível nacional político, jurídico e social, trazendo consigo ligações diferenciadas e ativando também novas lideranças locais além de um debate antes não tão presente, a ONG Kilombo e o ‘discurso da etnicidade’¹³. A partir dessa nova situação houve dois tipos de articulação decorrentes. Primeiro foi a busca de efetivação de uma política pública específica, o Programa Brasil Quilombola, através da Prefeitura Municipal de Ceará Mirim, mais especificamente da Secretária de Ação Social, que viu por sua vez em Joana (filha de Seu João Santo, segundo tesoureiro do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Ceará Mirim) o canal de ligação com a comunidade. Em segundo lugar, formou-se um pequeno grupo de moradores que sempre participa de treinamentos quilombolas e encontros os mais variados de Movimento Negro a Grupos de Mulheres, sob a articulação desse mediador.

É esse, portanto, o aspecto geral de relações de mediação em Coqueiros. Gostaria agora de inferir a esse contexto algumas observações de cunho teórico que possam esclarecer o caminho de pesquisa que posteriormente será continuado visto que este é um estudo ainda em desenvolvimento.

Mediação e etnicidade... Como realizar essa etnografia?

Quando na comunidade de Coqueiros se fala de igreja ou de centro comunitário algumas figuras são ativadas na imaginação dos moradores, já há determinadas pessoas que representam as instituições locais e as formas pelas quais alguém terá acesso a determinados benefícios ou mesmo informações. São os canais de ligação aos quais me referi em determinado momento desse texto e, objetivamente, ao tentar traçar uma rede

¹² Alusão a uma raça negra e a uma descendência escrava.

¹³ Junto com a Kilombo entra na comunidade um contexto mais amplo de participação de eventos de cunho político e social específico para quilombolas onde há um objetivo central e claro de disseminação de determinadas idéias no que tange a direitos diferenciados para esse público. Não somente, há também um fluxo de informações e trocas de experiências entre os próprios quilombolas que aparece como um movimento solidificado e que influencia diretamente na forma de pensar e se ver dos que participam.

de relações entre as pessoas da comunidade partindo de certos sujeitos-chave poderemos visualizar de forma mais completa as estratégias de formação e perpetuação dos mediadores em questão.

O conceito de rede utilizado tem base nos estudos de Mayer (1966) e Barnes (1969) onde essa será entendida como um campo social formado por relações entre pessoas e onde tais relações serão definidas de acordo com o campo social do qual se trata. Ainda com base nesses autores percebe-se a importância da formação de um conjunto na base de tais interconexões que de alguma maneira irá proporcionar um parâmetro comparativo ao estudo visto que a observação da rede a partir de um conjunto específico delimitará os limites da observação. Quando vou observar a rede social em Coqueiros para entender os processos de mediação terei necessariamente que partir de um conjunto específico de elementos e elejo aqui os principais mediadores locais, Joana e Dona Carminha. Essas são escolhidas porque seus nomes se repetem quando se fala em igreja, centro comunitário e movimento quilombola, as principais instâncias de mediação dentro da comunidade (há quase 20 anos se tratando de igreja). Então pretendo partir desses sujeitos sociais específicos para perceber quais as interconexões existentes tanto entre elas enquanto mediadoras como para além dessa relação, perceber qual a base desse papel social.

Através desse viés analítico pretendo perceber se o que embasa esses papéis, e aqui apresento uma real desconfiança de pesquisa, são relações de parentesco ou se são outros laços como os de vizinhança ou amizades e alianças. Há a possibilidade ainda de que essas novas formas de mediação tenham relação com os antigos mediadores que foram aqui apresentados. Por exemplo, é curioso notar que Joana foi procurada para mediar uma relação entre a prefeitura e a comunidade por fazer parte, segundo a secretária de ação social do município, de uma família de prestígio dentro de Coqueiros e, não por acaso, filha de Seu João Santo, segundo tesoureiro do sindicato de trabalhadores rurais. Por isso é de suma importância a eleição de determinados conjuntos, ou redes “definidas em um período de tempo particular” (Mayer, 1962) na base das interconexões para dar sentido à análise.

O contato interpessoal em uma comunidade de pequeno porte deve ganhar destaque, pois suas relações em geral são marcadas pela pessoalidade, pelas relações de vizinhança e parentesco, o que é notável também no lócus dessa observação. A partir daí destaco o “conjunto de ação” que será útil observar, os mediadores e suas interconexões com a comunidade. O conjunto de ação vai se definir no processo de

busca de um objeto específico – processo de mediação – e envolve segundo Mayer, “grande variedade de base para a formação de interconexões” (1966, p. 139).

“Uma característica importante do conjunto de ação é o número limitado de membros que o compõe, em contraste com a noção de rede “ilimitada”, o que o torna possível de ser empregado na análise comparativa e no estudo da mudança social.” (Mayer, p. 143, 1966)

Não apenas os sujeitos que fazem a mediação como também os outros com os quais se relacionam possuem interesses específicos. Nem sempre são os mesmos interesses do mediador, mas ao passo que há uma ligação entre eles, as interconexões se estendem dentro de determinado conjunto de ação e mantém necessariamente o mesmo tema, mas com peculiaridades diferentes para cada indivíduo. Então podemos notar que quando Joana é chamada pela Kilombo a participar de um evento ela irá repassar tal convite a algumas pessoas da comunidade, mas precisamos ainda entender qual escolha ela fará e por quais motivos. É de suma importância perceber que ela já se estabeleceu como a principal mediadora nessa área dentro da comunidade e tornou-se de alguma maneira a referência. Para compreender como essas informações serão repassadas, deve-se, então, partir de Joana como agente social e seguindo as conexões que a mesma irá realizar poderemos ver quem a estará acompanhando nesse processo, ou mais pontualmente, qual a configuração da rede social existente no que tange à relação da comunidade com o Movimento Quilombola.

Podemos perceber que o caráter atual da mediação em Coqueiros está anelado a uma questão étnica, e porque não dizer, a uma questão bastante embrionária de etnogênese¹⁴. A relação entre famílias tradicionais e pessoas que mediam é marcante, assim como a formação de um debate interno que, se em sua forma geral não traz um discurso de auto-reconhecimento, em algumas pessoas ou pequenos grupos causará uma inquietação, um processo de auto-reflexão sobre sua condição histórica e também de pertencimento a um grupo. Não afirmo aqui que isso é um fato definitivo, realizado, mas que é um processo que está ocorrendo e que paulatinamente se alarga à medida que cada vez mais Coqueiros está em contato com a realidade de um Movimento Negro forte e organizado. Enquanto fator específico, o Movimento Negro influenciou tanto em

¹⁴ “A etnogênese, ou melhor, as etnogêneses referem-se ao dinamismo inerente aos agrupamentos étnicos, cujas lógicas sociais revelam uma plasticidade e uma capacidade adaptativa que nem sempre foram reconhecidas pela análise antropológica. (...) A etnogênese apresenta-se como processo de construção de uma identificação compartilhada com base em uma tradição cultural preexistente ou construída que possa sustentar a ação coletiva”. (BARTOLOMÉ, 2006).

um novo processo de mediação quanto em um novo contexto de grupo e de identidade a ser pensado.

Diz Bartolomé que “em alguns casos, a etnogênese pode ser o resultado indireto e não planejado de políticas públicas específicas” e que “(...)frequentemente isso se deve às novas legislações que conferem direitos antes negados como o acesso à terra ou a programas de apoio social ou econômico” (2006). Talvez não se possa apontar para um provável processo de etnogênese a partir das colocações desse autor no caso de Coqueiros e sim devemos apontar para o fato de que esse movimento não está definido, completamente concluído, e ainda deve-se atentar para se realmente há um ponto em que se fale de conclusão visto que as culturas e as identidades de grupo estão em constante modificação. No entanto, se analisarmos um conjunto de ação em Coqueiros formado por sujeitos que constroem objetivos sociais e políticos voltados para uma questão quilombola não podemos esperar com base em diversas experiências que se repetem com a mesma peculiaridade, que a política mesma venha a ser efetivada se não for acompanhada por uma mudança na forma de se pensarem enquanto grupo que aponta para uma autodefinição comum dentro de uma categoria específica. Ainda baseando-me em Bartolomé, o fato de haver uma necessidade jurídica modelizante traz a necessidade de que aquelas pessoas não apenas sejam beneficiárias de determinada política, mas que se reconheçam enquanto quilombolas para, assim, poderem ter direito a certos benefícios e esse fator é crucial para pensarmos a complexidade da situação social de Coqueiros.

Bibliografia

Formatado: Inglês (Estados Unidos)

SILVERMAN, Sydel F. Patronage and Community-Nation Relationships in Central Italy, *Ethnology*, Vol. 4, No. 2 (Apr., 1965), pp. 172-189.

CASCUDO, Luís da Câmara. 1955. História do Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, Mec.
WOLF, Eric. *Antropologia política...*

MAYER, Adrian. "A importância dos 'quase-grupos' no estudo das sociedades complexas". In: Feldman-Bianco, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global. 1987. [1966].

Formatado: Inglês (Estados Unidos)

BARNES, John. "Redes sociais e processo político". In: Feldman-Bianco, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global. 1987. [1969].

Formatado: Alemão (Alemanha)

BARTOLOME, Miguel Alberto. As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. **Mana.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100002&lng=en&nrm=iso>.